

# CIDADE VERTICAL

Fenômeno brasileiro a partir dos anos 50, a verticalização pode ser uma saída para cidades de área limitada, como Santos em sua porção insular. Mas especialistas alertam para alguns critérios na hora da 'subida'

Entender as cidades como um corpo que pulsa, desenvolve-se e envelhece, com veias e artérias por onde hoje circulam gentes e carros, é uma metáfora poderosa. É inevitável que esse corpo de 39 km<sup>2</sup> chamado Santos (a parte insular) traga como herança genética traços do Brasil.

Um desses traços é a verticalização, potencializada pela invenção do elevador, no século 19. O Brasil começou a subir inspirado, a princípio, pelo modelo europeu, com edifícios antes mais compridos do que altos, de até cinco andares e arquitetura elaborada.

É o caso do primeiro prédio de Santos, o Palacete Olímpia, na esquina da praia com a Rua Olavo Bilac, em frente ao Posto 2. Inaugurado em 1928, tem cinco andares e 30 apartamentos.

Já o dito estilo americano, de literalmente 'arranhar o céu', começou a ganhar os olhares dos incorporadores a partir da década de 1950. Dessa época em diante, e nesse modelo, surgiu ao longo da orla a chamada 'muralha', que, segundo críticos, impede a plena circulação do ar marinho no interior da Cidade.

Mesmo assim, o céu ainda não era o limite. Havia um gabarito limitado em vigor e as construções não passavam dos 15 andares. Foi somente após a revisão da Lei de Uso e Ocupação do Solo de 1998 que houve



Verticalização abrupta em bairros baixos pode causar problemas na infraestrutura, é um dos alertas

a flexibilização do gabarito, possibilitando construir na Zona Leste espigões até cinco vezes a metragem do terreno.

Uma nova versão da lei está em discussão na Cidade. O prefeito Paulo Alexandre Barbosa (PSDB) promete encaminhar o texto final para a Câmara no segundo semestre (leia

na página 21). No entanto, o volume e a quantidade dos edifícios que já estão aí preocupam urbanistas.

#### INFRAESTRUTURA

Para o mestre em Arquitetura Rafael Ambrósio, professor da Universidade Católica de Santos (UniSantos), verticalizar,

em si, não é um problema – até pode gerar ganhos em uma cidade como Santos, fundada em uma ilha. Para ele, o problema é a forma como o processo de verticalização vem sendo conduzido.

“O que acontece em Santos? A infraestrutura (distribuição de água, luz e esgoto) é consoli-

dada, mas antiga”, ele afirma. “Boqueirão, Aparecida, Embaré, na área da orla, já têm prédios há bastante tempo. Mas em bairros onde a verticalização começa agora, talvez a estrutura não tenha uma rede adequada para absorver um grande edifício”.

Ele cita o imbróglio da falta de energia registrada no Marapé, publicada em *A Tribuna*, na edição de 3 de janeiro, como um indicio dessa sobrecarga. Na reportagem, moradores relatam as constantes falhas no sistema de energia, especialmente após a construção de grandes conjuntos.

#### IMPACTO

Mas a infraestrutura antiga não é o único problema. Tomando como exemplo o próprio Marapé, um bairro até hoje com predominância de construções baixas, o impacto que uma torre causa nas residências do entorno tem que ser previsto – e equacionado – antes de se permitir a sua subida.

“É preciso planejar a partir da escala da pessoa. Se você tem um bairro horizontal nas edificações, tem que se fazer estudos e não permitir a construção de um prédio de 20 andares colado a uma casa, se for constatado que essa casa nunca mais vai receber a luz do sol. Em Curitiba, olha-se uma avenida, de um lado só tem prédios grandes; do outro, só casas e prédios de três andares”.

## PARA TODOS



“A cidade é uma produção social, é consequência de todos os habitantes. É preciso pensar uma cidade para todo mundo”

Rafael Ambrósio, arquiteto